



Maquiavel na América: uma abordagem histórica e filosófica

Ricardo de Oliveira¹

Resumo

Este ensaio apresenta as características genocidas do processo de invasão e conquista da América Latina, expondo o modus operandi do colonialismo português e espanhol, bem como suas continuidades no presente. Depois de apresentada a Conquista, procuro demonstrar que os abusos cometidos não podem ser justificados pela “rusticidade dos valores da época”, trazendo a luz o pensamento de Maquiavel, contemporâneo dos primeiros tempos da invasão européia, e suas sugestões quanto à colonização de territórios onde vivem povos diferentes.

Palavras chave: Conquista, Colonização, Genocídio, Maquiavel.

Maquiavelo en América: una aproximación histórica y filosófica

Resumen

Este ensayo presenta las características genocidas del proceso de invasión y conquista de América Latina, exponiendo el modus operandi del colonialismo portugués y español, así como sus continuidades en el presente. Tras la presentación de la Conquista, trato de demostrar que los abusos cometidos no pueden justificarse por la “rusticidad de los valores de la época”, sacando a la luz el pensamiento de Maquiavelo, contemporáneo desde los primeros días de la invasión europea, y sus sugerencias sobre la colonización de territorios donde viven diferentes personas.

Palabras clave: Conquista, Colonización, Genocidio, Maquiavelo.

Machiavel in America: a historical and philosophical approach

Summary

This essay presents the genocidal characteristics of the process of invasion and conquest of Latin America, exposing the modus operandi of Portuguese and Spanish colonialism, as well as its continuities in the present. After the Conquest was presented, I try to demonstrate that the abuses committed cannot be justified by the “rusticity of the values of the time”, bringing to light the thinking of Machiavelli, contemporary from the early days of the European invasion, and his suggestions regarding the colonization of territories where different people live.

Key words: Conquest, Colonization, Genocide, Machiavelli.

Nos caminhos jazem dardos quebrados;

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, integrante da linha de pesquisa História Indígena, Etnohistória e Arqueologia. Endereço de e-mail: ricardopeyerle@gmail.com

Os cabelos estão espalhados.
 Destelhadas estão as casas,
 Incandescentes estão seus muros.
 Vermes abundam por ruas e praças,
 E as paredes estão manchadas de miolos arreventados.
 Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido, e se as
 bebíamos, eram água de salitre.
 Golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade e nos restava por
 herança uma rede de buracos.
 Nos escudos esteve nosso resguardo,
 Mas os escudos não detêm a desolação.
 Temos comido pães de colorín,
 Temos mastigado grama salitrosa.
 Pedacos de adobe, lagartixas, ratos, e terra em pó e mais os vermes.

Testemunho Asteca da Conquista.²

São conhecidas as críticas feitas aos historiadores que se arriscam em pensar que o passado (ou o presente) poderia ser diferente. É uma atitude ousada e certamente infrutífera, mas apenas quando se assume que tais conjecturas mudariam de alguma forma os acontecimentos. Não é essa a fê que orienta este breve ensaio. Ele mira para o futuro, e para que o futuro seja diferente do presente e do passado, faz-se necessário levantar hipóteses a respeito de outros modos de relações sociais e de relações entre sociedades, em suma, é preciso considerar diferentes formas de encarar e se relacionar com outro.

Apresento algumas reflexões sobre como foi o processo de invasão e conquista européia da América Latina, a partir do final do século XV, e o modo como a Conquista se tornou o mito fundador de uma realidade re-atualizada cotidianamente há mais de cinco séculos. Também analiso criticamente os meios utilizados para a Conquista e colonização do continente, a partir de uma obra contemporânea dos primeiros invasores e reis europeus (O Príncipe, de Maquiavel). O objetivo geral dessa análise crítica, a partir de um autor europeu, contemporâneo dos primeiros séculos da Conquista, é o de por abaixo o mito do “pensamento rústico”, premissa que sustenta nossa imaginação de um modo tal, que, além de pretender uma evolução do pensamento, justifica, quiçá autoriza, todas as barbáries cometidas. À Maquiavel poderíamos somar La Boétie, Giordano Bruno, Montesinos, Vieira e muitos outros e cada um a sua maneira, mas esse é um trabalho que fica para outro momento.

Pretendo contribuir para uma desmistificação do imaginário moderno, segundo o qual as coisas foram como deveriam ser, as violências foram de tal magnitude por conta de uma

² LÉON-PORTILLA, Miguel. **A Conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, mais e incas**. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 41.

preconizada rusticidade de valores, o homem é mau e ganancioso por natureza, mas vem civilizando-se. Idéias que só fazem reforçar atitudes mesquinhas, egoístas, astutas, perversas e gananciosas que sempre foram o motor da colonização da América e que tem sido até os nossos dias o argumento que justifica os neocolonialismos, as práticas imperialistas e os genocídios.

É conhecida a máxima de George Orwell, em sua clássica obra distópica: “Quem controla o presente controla o passado, quem controla o passado controla o futuro”³, máxima essa que vai de encontro ao pensamento de Marx e Engels: o pensamento dominante é sempre o pensamento da classe dominante. Quem detém o poder material, detém também o poder espiritual e simbólico, determinando uma época histórica em toda a sua dimensão.⁴ A História, quando contada por aqueles que detêm o poder, pode ser chamada também de *a visão dos vencedores*.

De acordo com a História dos vencedores, a Conquista da América foi motivada por fortes ideais cristãos, por um desejo de aumentar os mercados europeus e suas rotas de comércio e por uma firme vontade de levar a “civilização” para todos os cantos do planeta. De acordo com essa visão, algumas violências (pedagógicas eles dizem) foram (o verbo SER, no passado, é adequado?) necessárias para aplacar a resistência que muitos povos “bárbaros e selvagens” impuseram a esses muy nobres ideais.

Um célebre historiador da conquista do Peru, afirmou, depois de narrar e reconhecer violências sem fim, que, apesar das tragédias humanas, era necessário considerar a finalidade maior do empreendimento; não por coincidência, o ilustre historiador é quem diz: “devemos ter sempre em mente o espírito da época”.⁵ O saldo dessa iniciativa tão altruísta é calculado em aproximadamente oitenta milhões de mortos (apenas nos primeiros 50 anos de invasão e conquista), outros tantos milhões de escravizados, famintos e desesperados seres humanos.

Como foi então o processo de Conquista e colonização da América e como ele tem se repetido até nossos dias? Foi um massacre! Não apenas de seres humanos, mas de culturas inteiras. Ao analisar o processo de Conquista do México, Todorov diferenciou europeus e mexicas nos seguintes termos: os primeiros são de sociedades do massacre, enquanto os segundos são sociedades do sacrifício. Essa diferenciação diz muito sobre o processo de conquista como um todo. Os europeus, que ficavam perplexos com os rituais de sacrifício,

³ ORWELL, George. 1984; tradução de Wilson Velloso. -29.ed – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005, p. 52.

⁴ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 48.

⁵ PRESCOTT, William H. História da Conquista do Peru. Irmãos PONGETTI – editores, Rio de Janeiro, 1946, p. 143.

não se negavam o direito de massacrar, com requintes de crueldade, qualquer negação aberta dos seus princípios religiosos e civilizatórios. Interpretavam o sacrifício como “resultado de um modo de vida espontâneo e natural, alheio a todas as normas conhecidas da civilização”⁶, ao mesmo tempo em que massacravam povos inteiros.⁷

Do lado português, o Regimento de Tomé de Souza, demonstra que o processo de Conquista se deu em um verdadeiro estado de guerra, bem diferente da passividade normalmente associada aos povos indígenas nativos dos territórios conquistados. Além de autorizar a guerra a quem resistir, o Regimento manda destruir aldeias e fazendas de “gentios” que ousaram se levantar contra os cristãos, enforcando seus principais, castigando e cativando os que não pedissem perdão. Era a chegada da Guerra Justa na América, instituição que autorizou o cativo indígena até a primeira metade do século XIX. O rei exige sujeição e vassalagem, argumenta que “a principal cousa que me moveu a povoar as ditas terras do Brasil, foi para que as gentes delas se convertesse à nossa Santa Fé Católica.”⁸ Não deixou de se preocupar com “as cousas que cumprem a meu serviço e de minha fazenda”⁹. Segundo Rodrigo Otávio,

Se o predomínio do sentimento religioso não podia, no espírito do conquistador, excluir da comunhão tradicional do gênero humano o indígena do Novo Mundo, fato que deveria, logicamente, obrigá-lo a encarar esse indígena como um irmão, a tratá-lo como tal e a respeitá-lo a personalidade, as exigências dos sentimentos interesseiros e egoísticos os impeliram a reduzir a escravidão esse irmão que circunstâncias imprevistas lhe puseram às mãos, vindo mesmo a maltratá-lo desde que manifestaram os primeiros movimentos legítimos de resistência e defesa.¹⁰

As leis e decretos da Coroa portuguesa apontam para um conflito entre os diferentes interesses em jogo e para a dificuldade da metrópole portuguesa em conciliar os vícios de uma sociedade composta por indivíduos desejosos de “saciar su codicia” por riqueza e as virtudes de uma moral religiosa pautada na humildade e no perdão. Careceram esses sujeitos daquilo que Kant chamou de *boa vontade*; sem boa vontade, “o poder, a riqueza, a honra e

⁶DESCOLA, Philippe. A selvageria culta. In: **A Outra margem do Ocidente**. Organização Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 107.

⁷ TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. 4º ed. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.

⁸ **Regimento que levou Tomé de Souza governador do Brasil**. Almerim, 17/12/1548, p.5. Disponível: http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/1.3_Regimento_que_levou_Tom_de_Souza_0.pdf. Acesso em 28/08/2017.

⁹ REGIMENTO. Ibid., p. 01.

¹⁰OTÁVIO, Rodrigo. **Os Selvagens Americanos Perante o Direito**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1946, p. 21.

todo o bem-estar e contentamento, sob o nome de felicidade, conferem ânimo que muitas vezes, por isso mesmo, desanda em soberba”¹¹.

Josefina Oliva de Coll, em sua obra *A Resistência Indígena*, narra os focos de resistência indígenas por toda a América Latina.¹² Sua obra nos permite conhecer uma parte importante do passado da Conquista e refletir sobre sua reprodução no presente. Perfídia, talvez, seja a melhor palavra para caracterizar as guerras de conquista. Quantos foram os líderes, que assinaram acordos de paz, baixaram as armas, para logo em seguida terem seus pescoços cortados e suas cabeças espetadas em lanças e exibidas em praças públicas? Perfídia, que se repete sem cessar pelos séculos. Exemplos não faltam e vão de Hatuey, líder taíno na Isla de Hispaniola, morto na fogueira, Atahualpa, imperador Inca que pagou o maior resgate da História, apenas para morrer no garrote, Montezuma, Tupac Amaru e tantos outros, até Sandino e Zapata. Vítimas da crueldade inaugurada por Colombo, por Cortês, por Pizarro e por tantos outros.

Recebidos como irmãos, como deuses, com gentilezas, mantimentos e todos os sinais de amizade, os invasores europeus responderam com ódio, ganância, cobiça, violência, saque, estupro e roubo. Em nome do príncipe da paz se compôs uma lógica cujos objetivos eram a pilhagem e a efusão de sangue. “Foi manifestamente uma obra dos céus, que os naturais do lugar os recebessem com espírito tão bondoso e amorável, que mais facilitava a conquista; pois fora a mão do senhor que os conduzira àquela remota região, para expansão da santa fé e salvação de muitas almas.”¹³ Assim se manifestou um padre que acompanhava Pizarro. Recebidos literalmente como deuses, pois os espanhóis, no Peru, por longo tempo depois da conquista continuavam sendo chamados pelo nome com o qual foram batizados pelos Quíchuas na sua chegada: Huiracochas, o nome da sua entidade principal e Deus demiurgo.¹⁴

¹¹ KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes e outros escritos**. São Paulo, SP: Martin Claret Ltda, 2008, p. 23.

¹² COLL, Josefina Oliva. **A Resistência Indígena, Do México à Patagonia, a história da luta dos índios contra os conquistadores**. L&PM Editores, Porto Alegre, RS, 1986.

¹³ PRESCOTT., Op. Cit., p. 165.

¹⁴ “Diziam que haviam visto chegar em sua terra certas pessoas muito diferentes de nosso costume e vestuário, que pareciam viracochas, que é o nome pelo qual antigamente denominamos o Criador de todas as coisas, dizendo Tesci Huiracochan, que quer dizer princípio e autor de todos; e denominamos desta maneira aquelas pessoas que haviam visto, primeiro porque se diferenciavam muito do nosso traje e semblante, depois porque viram que andavam em uns animais muito grandes, os quais tinham os pés de prata: e diziam isso por causa do reluzir das ferraduras.

E assim os chamavam também porque os viram falar sozinhos em uns panos brancos como uma pessoa falava com outra, e isto era porque liam livros e cartas; e ainda os chamavam Huiracochas devido à excelência e aparência de suas pessoas e muita diferença entre uns e outros, porque uns eram de barbas negras e outros de barbas vermelhas e porque os viram comer em prata; e também porque tinham yllapas, nomes que nós temos para os trovões, e isto diziam por causa dos arcabuzes, porque pensavam que era trovões do céu.” In: LÉON-PORTILLA. Op. Cit., p. 121.

Este relato inca parece suficiente para encerrar a apresentação geral do processo de Conquista e não é necessária muita imaginação para perceber as semelhanças destes encontros com àqueles que vieram na esteira dos fatos e que seguem até hoje. Os noticiários nos trazem todos os dias imagens e relatos de práticas semelhantes. “Eles podem trocar seus papéis, seu estilo de atuar, até mesmo os dramas que desempenham, mas – como observou o próprio Shakespeare – eles estão sempre atuando”¹⁵. As obras de Ailton Krenak¹⁶, David Kopenawa¹⁷, José de Souza Martins¹⁸ e tantos outros, trazem à luz as denúncias do que acontece nas fronteiras (que saparam povos e culturas dentro de um Estado Nacional) do Brasil, e da América como um todo.¹⁹

A justificação de tais atos e sua tácita aceitação, como necessários, em nome de um bem maior, a cristianização, e a naturalização de dessas atitudes, como representativas de uma maldade e ganância essencialmente humanas, são as sementes da desumanização do Outro, que chegou até a Europa no século XX, com a ideologia nazista de Hitler, que tratava todos os “não arianos” como sub humanos, ou nos EUA, também no século XX, com os sistemas de segregação racial. O mal é contagioso e se espalhou junto com o capitalismo, sendo, diga-se de passagem, uma das suas válvulas motores, pois hierarquizou os povos e dividiu o trabalho.

Demonstrar as barbáries da Conquista e Colonização da América é o primeiro passo para encontrar uma resposta para a pergunta: Poderia ter sido diferente? Ou melhor: É possível ser diferente? Desnaturalizar a ganância? Desmistificar a violência?

Outra pergunta, talvez, seja relevante para compreendermos essa lógica sanguinária que prega humanidade: O que significa colonizar? Que direitos tem o vencedor sobre o vencido? De acordo com a tradição Ocidental, ao vencedor cabe o direito de vida e morte sobre o vencido.²⁰ Ao optar por não matar o vencido, o vencedor teria então o direito de fazer com o vencido o que melhor lhe parecesse. Mas, e quando o motor da guerra é a propagação da fé e de uma (pretensa) civilização superior? E quando o vencedor se compromete a tratar o vencido como um participe da sua comunidade? São perguntas que se impõe para qualquer análise crítica das relações entre diferentes sociedades.

¹⁵GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. LTC- Editora S.A. Rio de Janeiro, 1989. p 48

¹⁶KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: **A Outra margem do Ocidente**. Organização Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁷KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

¹⁸MARTINS, José de Souza. **Fronteira, a degradação do Outro nos confins humanos**. São Paulo: Contexto, 2018.

¹⁹LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **O Paraíso Destruido: a sangrenta história da conquista da América Espanhola**. Porto Alegre, L&PM, 2011, p. 85.

²⁰ROUSSEAU, Jean Jacques. **O Contrato Social**. São Paulo: Editora Abril, 1997.

De acordo com Alfredo Bosi, as palavras *cultura*, *culto* e *colonização* tem a mesma origem epistemológica e derivam do verbo latino *colo*.

Colo significou, na língua de Roma, *eu moro*, *eu ocupo a terra*, e, por extensão, *eu trabalho*, *eu cultivo o campo*. Um herdeiro antigo de *colo* é *íncola*, o habitante; o outro é *inquilinus*, aquele que reside em terra alheia (...) *Colo* é a matriz de colônia enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar.²¹

A lógica da colonização moderna opera dentro do código dos antigos romanos. Esse código diferencia o habitar e o cultivar do colonizar. O que os diferencia é o deslocamento dos sujeitos que vão cultivar ou fazer cultivar o solo alheio. É interessante notar, em textos eruditos e documentos oficiais, o uso do termo “terras incultas”, para se referir aos territórios a serem conquistados e colonizados. É fato notório que, em 1556, quando já chegavam à Europa as súplicas dos colonizados e de alguns agentes mais humanistas da colonização, para que as autoridades contivessem as atrocidades cometidas, é decretada na Espanha a proibição do uso das palavras *conquista* e *conquistadores*. Essas palavras são substituídas por descobrimento e povoadores, indicando o sentido de colono. Desde então existiu um esforço por considerar as terras da América como Descobertas, ou seja, desabitadas. Se as terras não eram *cultivadas*, elas não tinham dono, o que sustentava o direito de propriedade daqueles que tomavam, arbitrariamente, a posse da terra.

Para o pensamento burocrático que se desenvolvia na Europa, a preocupação com os argumentos de legitimação da invasão e da tomada de terras alheias era cara às Coroas ibéricas. Expandir a fê para terras “descobertas” parece uma contradição, quando se toma por princípio que, por “descoberto,” se tem a noção de que não eram conhecidas por ninguém. Tomada então em termos de povoamento, a ação de colonizar esforçou-se, pelo menos no corpo das leis, em considerar os povos das regiões conquistadas enquanto súditos e vassalos da metrópole. Algumas leis, bulas e decretos demonstram que as barbaridades cometidas pelos conquistadores/colonizadores pesavam na consciência das Coroas ibéricas e da Santa Sé de Roma.

Mas afinal, como poderia ter sido? Que outras formas políticas poderiam ser adotadas para fazer da conquista e colonização da América algo mais coerente com a moral cristã e com os discursos que pregavam a integração desses povos contactados? É fato que prescinde de referências para comprovação, a existência de preconceitos quanto aos argumentos que

²¹ BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 11.

defendem um governo centralizador, com poderes absolutos.²² Domenico Losurdo traz à luz idéias de Adam Smith sobre um relacionamento feliz entre poder despótico e liberdade.

Em uma página, não por acaso esquecida ou removida pela costumeira apologética liberal e pelos autores irremediavelmente trancados na gaiola de ferro da lógica binária, ele observa que a escravidão pode ser mais facilmente por um governo despótico, do que por um governo livre, com os seus organismos representativos exclusivamente reservados, entretanto, aos proprietários de escravos. Desesperadora nesses casos é a condição dos escravos.²³

Os argumentos colocados por Losurdo em sua leitura de Smith são relevantes para uma discussão que procure dar conta das complexas relações envolvendo Estado e Sociedade. Os preconceitos são muitos e as manipulações ideológicas dão conta de incutir o medo de qualquer centralização, de qualquer exercício do poder que toque nos privilégios das classes dominantes e elites econômicas. Essa ideologia favorece os desmandos locais e a economia dita liberal. Não por acaso o que chega até nós, por exemplo, sobre Maquiavel, é apenas a sua caricatura: Maquiavel/ Maquiavélico. De acordo com o dicionário, maquiavélico é:

Sem escrúpulos; pérfido: habilidade maquiavélica.[Figurado] Que possui astúcia; esperto: projeto maquiavélico. Que se refere a maquiavelismo; que nega as leis morais. De acordo com a doutrina de Maquiavel, considerada como a negação de toda moral: política maquiavélica.²⁴

Essa caricatura não condiz em nada com as idéias do filósofo renascentista, seria mais justo usar dessa definição de maquiavélico para definir conquistador. *O Príncipe* é um tratado de política que parte dos fatos e das experiências políticas européias que lhes eram contemporâneas; não são abstrações vazias de significado prático como o cristianismo tem sido para os conquistadores. Tampouco o autor parece defender noções que manifestem a defesa de um poder absoluto, pelo contrário, Maquiavel ensina a arte do equilíbrio do poder, que beneficiaria ao príncipe no exercício de seu poder. No seu texto, o povo tem papel tão preponderante quanto o próprio príncipe.

O livro de Maquiavel é contemporâneo da Conquista, da Bula papal citada, das *Nuevas Leyes*. Conhecendo a configuração do processo de conquista como foi, deve-se, para cumprir as propostas do ensaio e dá-lo por encerrado, conhecer as propostas de Maquiavel sobre como um príncipe deve conduzir um processo de colonização, especificamente quando se trata da colonização de um território composto por povos com costumes, línguas e hábitos

²² HENSHALL, Nicholas. **O Mito do Absolutismo, mudanças e continuidades na monarquia européia moderna.** (Artigo).

²³ LOSURDO. Op. Cit., p. 165.

²⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/maquiavelico/>

diferentes. Neste caso, para Maquiavel, a dominação apresenta problemas mais agudos e é preciso contar com a sorte e com a habilidade para manter tais territórios sob controle do Príncipe.

São três as principais sugestões do filósofo: a) “Um dos maiores e mais eficientes remédios seria aquele do conquistador ir habitá-los”²⁵. Dessa forma, o príncipe conquistador poderia ver nascerem as desordens e logo reprimi-las. Além disso, a ida do príncipe ao território conquistado evitaria que o lugar fosse, como foi a América, saqueado por seus representantes. Esse remédio vai de encontro a um dos problemas da conquista: a distância. Quando, por exemplo, o rei espanhol enviou um representante seu para fazer valer as novas leyes, esse foi morto e teve a sua cabeça cortada, fato que só chegou ao conhecimento do rei meses depois. O Brasil só contou com a ilustre presença do rei no século XIX. D. João VI veio forçado ao Brasil, obrigado como foi a fugir de Portugal pelas tropas de Napoleão. Nenhum rei Europeu alguma vez atendeu a essa sugestão de Maquiavel e a distância foi, durante todo o período colonial, um argumento na defesa dos abusos.

A segunda sugestão é a de instalar colônia e manter muitas tropas para sua defesa. Isso foi feito, no lugar de templos destruídos, foram levantadas igrejas e praças no estilo da municipalidade espanhola. Uma terceira lição do filósofo versa sobre “tornar-se chefe e defensor dos menos fortes, tratando de enfraquecer os poderosos e cuidando que em hipótese alguma aí penetre um forasteiro tão forte quanto ele.”²⁶ De acordo com Maquiavel:

Os romanos, nas províncias de que se assenhorearam, observaram bem estes pontos: fundaram colônias, conquistaram a amizade dos menos prestigiosos, sem lhes aumentar o poder, abateram os mais fortes e não deixaram que estrangeiros tomassem o conceito.²⁷

Das três sugestões principais trazidas por Maquiavel, apenas uma pode ser considerada como transladada para a América. Esse fato parece demonstrar, pelo modo como ocorreram as coisas, que as duas sugestões negligenciadas seriam as mais eficazes. A mudança da coroa portuguesa para o Brasil em 1808 e suas conseqüências imediatas, são sinais da importância de se ter a autoridade real por perto, para que possa fazer valer suas leis e decretos. Os reis ibéricos não tomaram conhecimento da importância de fortalecer os fracos e enfraquecer os fortes. Ao deixar os empreendimentos de povoamento e exploração dos recursos nas mãos de mercadores e cristãos novos, as coroas fortaleceram esses grupos e foi esse fortalecimento que permitiu a centralização dos seus poderes, mais tarde acusada de

²⁵ MAQUIAVEL. Op. Cit., p.12.

²⁶ MAQUIAVEL. Ibid., p. 14.

²⁷ MAQUIAVEL. Ibid., p. 14.

absolutismo. Foi o aumento do poder da burguesia que permitiu ao rei equilibrar as forças com a nobreza, mas isso apenas dentro do reino. Quando falamos em diminuir o poder dos mais fortes, nos referimos aqui ao povo conquistado. Nesse caso, os curacas, lideranças pré-colombianas em contextos da América espanhola, constituíram importante aliança para a manutenção dos poderes do conquistador.

É possível concluir que, se Maquiavel fosse considerado pelos reis europeus ao longo da colonização, as coisas poderiam ter sido um pouco diferentes e muitos abusos poderiam ter sido freados. Não que os reis fossem exemplos de humanistas, de forma alguma, mas se suas leis e decretos houvessem sido respeitados e levados a termo, a colonização teria outros contornos. Com um pouco de ironia, pode-se dizer, que reis maquiavélicos são mais bem vindos que reis cristãos.

Uma segunda opção para os conquistadores europeus teria sido abrir diálogos, por exemplos, com o Imperador Inca. Consta que seus modos de conquista, bastante efetivos, eram bem diferentes daqueles empregados pela cristandade. Os Incas, quando interessados em um território, enviavam um emissário, que oferecia um acordo, demonstrando os benefícios da sua integração ao Império. Negado esse recurso, o Inca enviava mais emissários para tentar o convencimento. Fracassados os esforços diplomáticos, começava a guerra de Conquista, procurando causar os menores danos naquele povo e território que se desejava integrar. Vitorioso na guerra, o Inca passava a cobrança de tributos, a inserção da população no sistema de trabalho, a Mita. Os deuses dos vencidos eram respeitados e seus ídolos eram integrados como entidades secundárias do panteão Inca. Os povos submetidos deveriam apenas prestar culto ao Deus maior, o sol.²⁸

Apresentar essas considerações sobre como foi, e como poderia ter sido, se considerados os próprios pensamentos da época, tem o objetivo de des-naturalizar práticas genocidas e predatórias, que foram inauguradas com a Conquista e que seguem como *modus operandi* das forças imperislistas, hoje, conduzidas pelos EUA em primeiro plano e pelas potências europeias em segundo (OTAN), bem como, pelo colonialismo interno, característico das elites econômicas nacionais, na América Latina. Naturalizar tais práticas, bem como a ideologia que lhes dá sustento é a forma mais eficiente de poder. Daí derivam noções como “o fim da História” e “não há outro caminho”, daí seguirem na América as imitações de modelos alienígenas, daí a aceitação e tácita submissão a chamada Nova Ordem Mundial, que de nova não tem nada. Desnaturalizar é preciso; mostrar os horrores que

²⁸ PRESCOTT. Op. Cit., p. 136.

potencializaram e dão sustento ao capitalismo; mostrar que desde o início houveram vozes de consciência que viram o mal e o acusaram, como Las Casas, o Padre Vieira e tantos outros; mostrar que pode ser de outra maneira. A consciência de tais fatos, de tais vozes e de tais alternativas pode ensaiar a ação para a mudança de paradigma.

Termino este ensaio com citação, porque as palavras de Erich Fromm são merecedoras e vão de encontro ao objetivo proposto.

De fato, temos de nos tornar conscientes a fim de escolher o bem -mas nenhuma conscientização nos ajudará se tivermos perdido a capacidade de sermos comovidos pela desgraça de outro ser humano, pelo olhar amigo de outra pessoa, pelo cântico de um pássaro, pelo verdor da grama. Se o homem se torna indiferente à vida não há mais esperança dele poder escolher o bem. Então, na verdade, o seu coração terá endurecido tanto que a sua vida terá terminado. Se isto viesse a acontecer a toda a ração humana ou a seus membros mais poderosos, então a vida da humanidade poderia estar extinta no momento exato de sua máxima promessa.²⁹

Referências

- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- BREVE de Paulo III en que prohibe la esclavitud de los índios y se que sus amos les traten indignamente**. Roma, 2 de julho de 1537. Disponível em: <https://jorgecaceresr.files.wordpress.com/2010/05/breve-sublimis-deus-paulo-iii.pdf>. Acesso em 27/08/2017.
- CABALLOS, Esteban Mira. **Índios y mestizos em la Espana Moderna**, estado de la cuestión. Boletín Americanista, año LVII, nº 57, Barcelona, 2007.
- COLL, Josefina Oliva. **A Resistência Indígena, Do México à Patagonia, a história da luta dos índios contra os conquistadores**. L&PM Editores, Porto Alegre, RS, 1986.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. –São Paulo: Claro enigma, 2012.
- DESCOLA, Philippe. A selvageria culta. In: **A Outra margem do Ocidente**. Organização Aduato Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FROMM, Erich. **O Coração do Homem, seu gênio para o bem e para o mal**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. LTC- Editora S.A. Rio de Janeiro, 1989.

²⁹ FROMM, Erich. **O Coração do Homem, seu gênio para o bem e para o mal**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964, p. 53.

HENSHALL, Nicholas. **O Mito do Absolutismo, mudanças e continuidades na monarquia européia moderna.** (Artigo).

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes e outros escritos.** São Paulo, SP: Martin Claret Ltda, 2008.

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami.** São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: **A Outra margem do Ocidente.** Organização Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **O Paraíso Destruido: a sangrenta história da conquista da América Espanhola.** Porto Algre, L&PM, 2011.

LÉON-PORTILLA, Miguel. **A Conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, mais e incas.** Petrópolis, Vozes, 1987.

LOSURDO, Domenico. **Colonialismo e luta anticolonial: desafios da revolução no século XXI.** São Paulo, Boitempo, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. In: **Epistemologias do sul/** Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses [orgs]. São Paulo: Cortez, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe.** Editora Bertrand Brasil S/A, Rio de Janeiro, 1988.

MARÉS, Carlos Frederico. Da tirania à tolerância. In: **A Outra margem do Ocidente.** Organização Adauto Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira, a degradação do Outro nos confins humanos.** São Paulo: Contexto, 2018.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ORWELL, George. **1984;** tradução de Wilson Velloso. -29.ed – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

OTÁVIO, Rodrigo. **Os Selvagens Americanos Perante o Direito.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1946.

PRESCOTT, William H. **História da Conquista do Peru.** Irmãos PONGETTI – editores, Rio de Janeiro, 1946.

Regimento que levou Tomé de Souza governador do Brasil. Almerim, 17/12/1548, p.5. Disponível:

http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/1.3._Regimento_que_levou_Tom_de_Souza_0.pdf. Acesso em 28/08/2017.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **O Contrato Social.** São Paulo: Editora Abril, 1997.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**. 4º ed. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.